

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte: 10 glóbo

Class.: Kaiapó / Raoni

Data: 02/02/86

Pg.: 881

## 190 A guerra das vedetes

OTTO LARA RESENDE

“— Não foi! — Foi! — Não foi!”

Manuel Bandeira

Digamos que você seja levado a uma sala com uma parede coberta de figuras de sapos, rãs e pãerecas. Ali, o rosto todo enrugado, como se fosse a casca de uma árvore velha, e uma imensa cabeleira branca de fios crespos, um especialista lhe pede para apontar qual o sapo que você está procurando. “Era igual a esses dois aqui” — diz você. O especialista explode de indignação: “Esses dois aqui? Esses dois são sapos diferentes. É a mesma coisa que dizer que a Clara Bow se parece com a Jean Harlow. Este aqui é um *Bufo marinus*, conhecido por cururu, que na língua nheengatu significa sapo grande. Por influência de Stradelli, outros naturalistas, como Spix, d’Abbeville, Rohan, von Ihering, passaram a adotar a denominação cururu. Este outro é o *Bufo paracnemis*, conhecido como sapo-boi ou sapo gigante. Mas eles são muito diferentes”.

De fato, o *paracnemis* tem verrugas glandulares sobre a face interna da coxa, as quais, pressionadas, soltam uma secreção leitosa. As paratídes são menores e mais extensas. E ele chega a 22 centímetros de comprimento, enquanto que o *marinus* não ultrapassa dezoito. Diante das estampas dos dois sapos, você não sabe como se decidir. O velho, que, está visto, é um cientista, se impacienta: “Então? Seu sapo era o *Bufo paracnemis* ou o *Bufo marinus*?” Quando, desconsolado, você diz que não sabe, o velho explode: “O senhor é demasiado ignorante”. Ai você se lembra do salvo-conduto de Cícero: “Nec me pudet ut istos fatari nescire quid nesciam”. Está nas *Tusculanas*, Livro I, 15. Como você está nervoso e não é fácil passar do sapo ao latim, pode deixar que eu peço ao Paulo Rona para traduzir: “Não me envergonha confessar não saber aquilo que ignora”.

Mas o latinório não acalma o velho que, furioso, balança a cabeça de um lado para o outro, como se um enxame de abelhas africanas tivesse entrado nos seus cabelos. “Ponha-se daqui para fora” — diz ele, depois de dar um soco na parede. Nessa altura, uma inspiração divina, ou quem sabe uma reminiscência do vestibular lotérico que você fez com o seu filho, alguma coisa lhe dá coragem e você aponta o seu sapo: “É este aqui”. Era o *Bufo marinus*. O velho grunhe e murmura entre os dentes que só podia ser aquele: é o que os feiticeiros gostam de usar. Aliviado, você tem vontade de beijar os pés daquele sublime cientista. Mas você precisa saber tudo sobre o sapo — e também sobre feiticeiros. Depois que você foi aprovado, assinalando com uma cruzinha o sapo certo, o cientista condescende em lhe dizer que, na *Historia Naturalis Brasiliae*, de 1648, Marcgrave já falava no uso do veneno do *Bufo marinus* pelos feiticeiros brasileiros. Mas isto é pré-história naturalista. Sobre o assunto, trate de ler Lamarque Douyon, Wade Davis, E. Nobre Soares e Akira Kobayashi.

Se você tiver sorte e a ajuda de uma pesquisadora, poderá encontrar o *Journal of Ethnopharmacology* na Biblioteca Nacional. Ali estão algumas das fontes citadas pelo velho ranheta. Wade Davis, por exemplo, lhe ensinará que o sapo é um laboratório e uma usina química, contendo, além de alucinógenos, poderosos anestésicos não identificados, que afetam o coração e o sistema nervoso. Davis confirma Kobayashi, que encontrou uma substância igual à tetradoxina no baiacu ou sapo-do-mar. As pessoas sob a ação dessa substância ficariam como mortas do ponto de vista fisiológico, retendo apenas faculdades mentais, como a memória. A esse estado chamavam de zumbinismo. Enterrado ou fora da sepultura, o zumbi permane-

cia como morto dez horas, a menos que continuasse sendo alimentado com uma mistura de veneno de sapo e determinadas substâncias químicas encontradas em algumas plantas, como *pyrethrum parthenium*, uma proporção de 1 mg por 50 mg. Então o estado cataléptico poderia ser prorrogado algumas vezes.

Artemisa, losna, arnica, catinga-de-mulata, calêndula, cardo, escarola, carrapicho, edelvaís, pirutro aster, perpétua, dália, tanaceto, camomila, chicória e muitas outras plantas contêm o *pyrethrum parthenium*. Por aí, pois, nenhum problema, se você está querendo provocar um sono cataléptico. Resta o sapo. Mas o sapo o velho rabugento lhe arranja. Afinal, ele é um cientista — e um cientista sempre coopera com os que pesquisam. “Veja o belo macho que arranjei para você” — de fato está lhe dizendo o velho e lhe aponta um sapo imenso, amarelo esverdeado (ou verde-amarelo, como quer Roberto Carlos), o ventre cheio de manchas pardas. Tem o corpo coberto por glândulas papulosas, algumas encimadas por pontas córneas. A medida que você olha o sapo, ele vai aumentando de tamanho. Incha de maneira assustadora. Não se assuste. Logo o cientista lhe explicará que essa espécie é muito vaidosa. O indivíduo que está à sua frente parece ainda mais jactancioso do que a média. Enfuna-se de pura soberbia.

Espremendo-se as glândulas do sapo, apalpando-o com respeito e carinho, você colhe uma substância repugnante, com um forte odor que se desprende do tegumento do animal: é o veneno. O veneno do *Bufo marinus* é poderosíssimo e qualquer bicho inoculado com ele sofre terríveis convulsões tônicas seguidas de morte. O próprio sapo é sensível à ação do seu veneno, perecendo como os outros animais. Pode-se assim imaginar o mundo infinito que se desvenda quando se entra na intimidade científica de um anfíbio anuro, mesmo sem recorrer à enciclopédia clássica “Toads & Frogs”, que, até onde sei, já tem publicados, 71 volumes de mais de mil páginas cada um. Se optarmos pelo terreno do folclore, o sapo é mais inesgotável e mais caudaloso do que o Amazonas. A bibliografia em todas as línguas é tão vasta que me limito a mencionar “El sapo en el Folklore y en la Medicina”, de Tobias Rosemberg, na acessível edição argentina. São 15 volumes.

Com pequenas exceções, tudo que venho escrevendo até aqui, pode ser lido no romance de Rubem Fonseca — “*Buffo & Spallanzani*”. Fora a *Minolta* (vide RF) e alguns cientistas, todo mundo tem horror de pegar em sapo. Neste sentido, “*Buffo & Spallanzani*” nada tem a ver com sapo — porque você pega e não larga; lê e se diverte da primeira à última página. Justifica-se, pois, que esteja sendo um best-seller. E vejam a coincidência: mal ele pôs a circular o seu *Bufo marinus*, o Brasil e o mundo foram invadidos pelo *Dendrobata amazonicus* que envenenou o benemérito Augusto Ruschi. Vítima de um sapo da floresta, o cientista foi assistido pelo Cacique Raoni e pelo Pajé Sapaim. No seu campo, ou melhor, na sua floresta, Raoni e Sapaim não deixam também de ser cientistas. Todos os três, o homem dos beija-flores, o cacique e o pajé, são dignos de respeito e carinho. A pajelança para salvar Ruschi teve a bênção do Presidente da República, com repercussão mundial. Até que explodiu a *Challenger* e os nossos sapos, que iam ser estrelas, que iam ser manchete em Londres e em New York, foram passados para trás. Mais uma vez o Brasil foi pro brejo, por causa dessa maldita tecnologia espacial.